



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

MEXERICO E MALDIZER NO MEIO RURAL.

POLANAH, Luís

Ano: 1993 | Número: 103

Como citar este documento:

POLANAH, Luís, Mexerico e Maldizer no Meio Rural. *Revista de Guimarães*, 103 Jan.-Dez. 1993, p. 111-128

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



casadesarmiento

centro de estudos do património

Mexerico e maldizer no meio rural

Luís Polanah

Revista de Guimarães, n.º 103, 1993, pp. 111-128

I – Introdução

1 – Principio este pequeno ensaio com as palavras que escrevi em 1989 falando da vizinhança em Tourém: “De facto, a vizinhança não pressupõe um estado de coexistência e interdependência pacíficos. Ser vizinho é ser parte de um todo e potencialmente em concorrência com os outros membros do grupo. Antagonismo e cooperação são os termos duma dialéctica funcional. Conhecem-se imensos casos de zangas e conflitos entre parentes e amigos do mesmo povo. A freguesia de Tourém está cheia de casos. Intrigas familiares, questões de heranças, estragos em campos do outro, dívidas não pagas, apropriação abusiva de terras alheias, a inveja, a calúnia, a injúria, a ofensa moral, etc... são factos correntes no ambiente duma aldeia onde o comunitarismo teve a sua época. Quando pretendo dar realce à vizinhança pelo seu papel dinâmico na vida duma aldeia camponesa, não quero sugerir que ela seja necessariamente pacífica... pelo contrário... o estado de vizinhança não é nem nunca foi um estado normalmente pacífico. Sob a capa de entendimento harmónico entre pessoas e famílias circulam os “ódios, as invejas, as tensões, o egoísmo, a má fé, a deslealdade, enfim...”⁽¹⁾

2 – No ano seguinte (1990) pude acrescentar que “Em todo o processo da vida de relação entre vizinhos o factor mais importante, decisivo e desencadeador de um mal-entendido entre vizinhos é, sem sombra de dúvida, a maneira como a informação é transportada de



pessoa para pessoa. Facilmente ela degenera na bisbilhotice ou se distorce na intriga e na maledicência. A vida de relação na aldeia baseia-se fundamentalmente na comunicação oral... de pessoa para pessoa... (...) ou através de uma cadeia de interlocutores medianeiros... aspecto... dos mais interessantes a ser estudado na vida de relação entre vizinhos de uma comunidade aldeã,...”(2)

A tentação de abordar o “mexerico”, como um problema que, além de ser da socio-psicologia e da sociologia era também da antropologia dos pequenos grupos, manifestava-se já no horizonte das minhas preocupações.

II – A base de dados

3 – A pesquisa nos domínios da História local, da Sociologia e da Antropologia Social, elaborada no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, tem trazido a lume alguns trabalhos que merecem maior projecção entre nós, em Portugal. Para os objectivos deste ensaio recorro apenas a três autores cuja contribuição é muito válida. Cito, em primeiro lugar, Soares de Carvalho, que fez um levantamento no âmbito da história local, baseando-se nos arquivos do Julgado de Paz de uma freguesia do Baixo Minho⁽³⁾ entre os anos de 1835 e 1880. Resumiu em quatro categorias as causas dos conflitos que opunham os habitantes do lugar entre si ou a outros de fora, como a seguir mostro:

a) – *Questões de dívidas* – Os litígios por dívidas de pensões, foros ou outros tipos desde o simples eido ao casal passando por níveis intermédios da propriedade com situações de dívidas dos enfiteutas para com os senhores.⁽⁴⁾ Conflitos entre simples proprietários (na maior parte residentes fora da freguesia) como lavradores proprietários, simples lavradores, lavradores caseiros, jornaleiros e outras profissões também ligadas ao trabalho na agricultura.⁽⁵⁾ Igualmente as dívidas por salários não liquidados, arrendamentos de casas, azenhas, etc. ou aluguer de objectos⁽⁶⁾ e outras por vendas de casas, de criação a meias de gado, de obras realizadas e não pagas⁽⁷⁾.

b) – *Questões vicinais* – Se as práticas de entre-ajuda e auxílio são comuns, não o são menos as invejas, as questiúnculas que vão



surgindo a cada momento e que não raras vezes acabam em tragédias. Dessas pendências entre vizinhos destaquem-se as questões de águas (uso e partilha de águas, recusa de direitos de passagem da água, estragos em regos ou engenhos ou por obras a realizar em minas, fontes, etc. e ainda as demarcações de terrenos, construção de muros, utilização de caminhos, estragos em propriedades, etc, etc...⁽⁸⁾

c) – *Questões sucessórias* – Nas práticas sucessórias normalmente eram seguidos dois princípios fundamentais – o da indivisibilidade da casa da família herdada por um dos filhos e o da igualdade de todos os herdeiros perante a herança (p.164). As questões mais frequentes surgiam entre irmãos (37), pais e filhos (159), padrastrós e enteados (4), tios e sobrinhos (7), avós e netos (2), primos (3) e outros casos desconhecidos (4).

d) – *Outros tipos de questões* – As reclamações de direitos sobre determinados bens ou propriedades, rateio de foros, questões por venda ou troca de terrenos, por anulação de arrematações ou contratos realizados, alteração de escrituras, questões de embargo, despedimento de caseiros, etc.⁽⁹⁾ A penhora sobre eidos, leiras, campos ou outras propriedades que, depois de hipotecadas, acabavam em muitos casos por mudar de proprietários, era uma prática comum...⁽¹⁰⁾

4 – No campo da antropologia e da sociologia, A. Geraldés⁽¹¹⁾ e Manuel Silva⁽¹²⁾, respectivamente, concederam uma especial atenção à conflitualidade entre os vizinhos dos lugares que estudaram. Deste último destaque, em especial, um capítulo, substancialmente importante, acerca do que apurou, em duas aldeias minhotas, entre 1835 e 1857, onde notou, por exemplo, que 37,3% dos casos diziam respeito a conflitos de obrigações, 10,8% a direitos reais a 10,8% a outros casos como foros, arrendamentos, marcos divisórios e águas, sendo apenas 10,8% preenchidos com a recusa de pagamento de primícias à Igreja ou ao pároco. Além disso, observou que 16,1% dos litígios se processaram com entidades urbanas ou absentistas, 41,2% ocorreram no âmbito da aldeia e 28,5% implicaram famílias de paróquias vizinhas.⁽¹³⁾ Pouco menos de metade dos litígios ocorreram, portanto, no interior das freguesias.



5 – Nos conflitos inter-familiares, ocorridos nas últimas três décadas, subiram a primeiro plano as questões de prestígio ou poder, envolvendo ou não interesses materiais imediatos (numa das aldeias 25% e na outra 37%), logo seguidas de disputas concernentes à definição de marcos, distribuição de águas e apropriação abusiva de baldios (19,1% e 13,1%). Convém ainda notar que os conflitos inter-familiares atravessam indiscriminadamente a quase totalidade dos grupos domésticos e as diversas categorias de proprietários fundiários.⁽¹⁴⁾

6 – Uma das contribuições relevantes de M. Silva foi a de incluir na sua análise as questões de honra e dignidade, com destaque para as injúrias, difamações verbais ou ameaças de ordem física e moral... São de notar, sobretudo, as zangas que têm por causa alusões difamatórias contra a virgindade das filhas, a fidelidade conjugal das mulheres, ou a honestidade e honra do homem.⁽¹⁵⁾ O rosário de casos segundo os quais podem dois vizinhos desentender-se e envolver por simpatia outros convizinhos são, conseqüentemente, muitos.

III – Interdependências

7 – Os conflitos manifestos ou latentes entre pessoas numa aldeia são também seguidos por outros momentos, emocionalmente propícios, a preservar a harmonia e unidade das famílias. Dentro desses limites a vida da colectividade enche-se de situações a que não ficam indiferentes os habitantes do lugar, quer os seus protagonistas sejam ou não conhecidos, parentes ou vizinhos. É timbre desse clima favorável à preservação da vida social o sentimento da sua total interdependência como grupo, o conhecimento que têm e sempre quiseram ter uns dos outros, pela relação de vida, predominantemente visavis, como vizinhos do mesmo lugar que são.

8 – Em geral as aldeias sempre desenvolveram costumes, festas, jogos, símbolos e ritos, muitas vezes supostamente diferenciadores, de outras da mesma região. Imaginando-se cada qual diferente das demais e dotada de uma personalidade singular, todas desenvolvem um cimento moral próprio, definidor da sua configuração colectiva.

Para além das muitas coisas que apresentam, em comum, e dos muitos interesses que poderão ter de partilhar, há, efectivamente, um património de bens e valores que não só opõem as aldeias entre si como, noutra plano e por outras razões, opõem os próprios indivíduos e famílias dentro do agregado social em que encontram inseridos.

9 – A dinâmica desse conhecimento, que uns e outros têm de si mesmos e dos outros (o que eu sei, penso e digo dos outros e o que eu sei que os outros pensam, sabem e dizem de mim) desencadeia-se através da conversação informal que, em locais mais ou menos polarizados pelo costume, se estabelece entre amigos, de ambos os sexos.

IV – Mexerico e Comunicação

10 – A expressão que em português define o costume de falar e comentar notícias sobre factos locais e outros é o “mexerico”.⁽¹⁶⁾ Nessas conversas, os interlocutores têm sempre tendência para acrescentar ou suprimir alguma coisa quando falam sobre alguém, consoante gostam ou não gostam dessa pessoa ou família. Desta maneira, tudo o que se pode saber directa ou indirectamente sobre a vida dos vizinhos e outros acontecimentos da vida local é propalado pelo mexerico e acaba por se espalhar pela aldeia. O mexerico funciona, deste modo, como um processo de comunicação primário das pequenas comunidades, onde não existe a escrita, ou ela tem uma função secundária no processo de comunicação social interno.

11 – Na opinião das pessoas marcadas por preconceitos cultivados no meio urbano, o “mexerico” confunde-se com a “má-língua” como um passatempo gratuito e de efeitos perniciosos para o clima de vida dos pequenos lugares. Quem, portanto, emite este juízo, considera que a boa educação e a cultura livresca coarctam o vício do mexerico... Observado mais atentamente o fenómeno não é tão simples e negativo como pode parecer à primeira vista, quando analisamos o mexerico no quadro da vida rural. No presente estudo, utilizarei o termo “mexerico” como a expressão mais adequada para designar o processo primário dos pequenos grupos se comunicarem e

trocarem informações, comentários, críticas e opiniões a respeito da vida na sua aldeia e, eventualmente, sobre acontecimentos exteriores.

12 – Quem conhece o meio rural sabe que as pessoas passam uma boa parte do seu tempo em largo intercâmbio de ideias, sentimentos e aspirações, tanto para cooperar com o vizinho como para se contrapor à concorrência de um rival. A comunidade de vizinhos configura laços de natureza tribal que não excluem a consciência do fundo étnico e cultural comum com as outras comunidades de vizinhos da mesma origem histórica.

V – A Essência do Mexerico

13 – Ao tomar este tema para as minhas reflexões senti a falta de alguma literatura que me houvesse precedido. Vários estudiosos terão feito alusão ao mexerico, mas a sua análise antropológica na vida de relação em pequenas comunidades rurais foi assunto que não parece ter merecido alguma atenção particular entre o portugueses. O meu contacto com o pequeno trabalho de Elias e Scolson⁽¹⁷⁾ fez-me convencer de que não era despropositado abordar, mesmo como mero exercício na análise da psicologia da vida camponesa.

14 – O estudo daqueles dois autores proporciona reflexões de muito interesse na comparação que estabelece entre os moradores em prédios de habitação dum bairro urbano com os habitantes de uma localidade rural. As relações de vizinhança são distintas. O mexerico tem o seu terreno no bairro camponês e, aqui, as suas características mostram uma grande semelhança com o que me foi dado conhecer. Transcrevo a parte essencial das suas conclusões:

“Um mexerico depende de normas, de crenças e de relações comunitárias...”, e traduz-se, geralmente, como “informações mais ou menos pejorativas relativamente a uma terceira pessoa, trocadas entre duas ou mais pessoas...” sendo “estruturalmente, o mexerico que censura ...inseparável do mexerico que glorifica, neste caso a si próprio ou aos grupos com os quais se identifica”.⁽¹⁸⁾

15 – O que fica extractado define o “mexerico” como a) a comunicação que se faz verbalmente entre duas ou mais pessoas, e tem uma função essencialmente informativa; b) sendo também um processo espontâneo de crítica pode, por isso, tanto rebaixar uma terceira pessoa, como glorificá-la; c) revelando-se parte de um corpo

de crenças e normas, necessariamente inserido num contexto comunitário. Utilizarei, pois, estes três aspectos característicos do mexerico para destacar a análise que a seguir apresento:

A) Função Informativa

16 – O mexerico tem um papel essencial na construção e defesa do sentimento colectivo que une pessoas e famílias a interesses e objectivos comuns no espaço da sua aldeia. A sua função socializante na vida das pequenas colectividades parece indiscutível, apesar das referências negativas que a moralidade burguesa lhe imputa. É por meio do mexerico que os respectivos interlocutores tomam conhecimento da situação geral da sua povoação e das coisas que a circundam, assim como da vida de cada um, e alimentam o seu interconhecimento, reforçado a sociabilidade dos vários elementos integrados na aldeia.

17 – Para além das suas consequências morais, o mais importante é compreender a sua função informativa e crítica. O mexerico funciona como um instrumento que busca a notícia, perseguindo, manipulando e transportando o material recolhido através da rede de vizinhos do mesmo lugar, numa maneira difusa, irregular e não planeada. Tudo o que acontece na aldeia (como a chegada dum estrangeiro, o desaparecimento dum vaca, a morte dum vizinho, o namoro dum rapariga, uma briga entre os filhos, o adultério dum mulher, etc.) não deve passar despercebido e, uma vez testemunhado ou denunciado, deve ser notícia para dividir com todos, a partir dum conversa com um amigo ou vizinho...

18 – As questões que resumi de Soares de Carvalho e de M. Silva mostram o quadro moral de situações que, habitualmente, absorvem as conversas de um grupo de vizinhos. A vida nas aldeias não é, como se pode concluir, um mar de rosas, isento de conflitos pessoais ou entre famílias. O quadro idílico esboçado na literatura etnográfica dum passado recente sobre o que terá sido o comunitarismo no meio rural do Norte e Nordeste do país não foi sensível às reacções das pessoas na defesa dos seus interesses pessoais e como para os lograr tinham de romper as suas relações ou aliar-se a adversários de outras circunstâncias.

19 – Assim, sendo, o mexerico actua como um instrumento da actividade difusora dos factos reais, possíveis ou imaginados, internos e externos, captados pelos vários membros da comunidade, de um e outro sexo. A solidariedade tácita entre vizinhos obriga a que cada um



conte ao outro o que sabe ou escutou. Os comentários que se produzem, enriquecem as conversas, ampliam ou amesquinham situações, pessoas e factos, porque os fazem passar por um crivo de observações críticas, positivo ou negativo. A função do mexerico como intercomunicador não responde pelo julgamento moral das coisas e pessoas mencionadas. O mexerico, ao transferir a informação, confia aos sentimentos dos vizinhos a liberdade de cada um trabalhá-la consoante a sua isenção moral e conveniência. A multiplicidade dos assuntos de mexerico não pode impedir que, uma vez formada a notícia ou informação, esta inicie o seu percurso, por alguma forma, já viciada pela subjectividade dos interlocutores que se vão interpondo na cadeia do mexerico.

20 – Numa representação dinâmica do mexerico este seria visualizado por linhas cruzadas em diversos sentidos, sem direcção específica, orientadas a capricho de cada um dos interlocutores para as pessoas da sua afinidade, ou lugares habituais de encontro. Cada indivíduo procura o amigo ou vizinho da sua confiança para falar do que sabe ou julga saber e actua como um posto receptor e difusor de informações, como um agente, mais ou menos credível, dentro da sua rua ou aldeia...

21 – No adro da Igreja, nos cafés (ou nas tabernas), no lavadouro público, nas tendas, no cruzeiro, nas feiras, na soleira das casas, nas ceifas, nas eiras, à lareira, etc. tudo são espaços que absorvem pessoas para uma conversa informal. Há lugares mais afluentes do que outros para as pessoas de um ou de outro sexo (por exemplo, no lavadouro, as mulheres; na taberna, os homens), enquanto noutros podem juntar-se ambos os sexos. E no recolhimento das casas, junto à lareira, reúnem-se elementos da família com um e outro amigo mais íntimo. Agora ou mais logo, hoje ou amanhã, a maior parte desse material produzido, através do mexerico, terá invadido os ouvidos do povoado. Filtrado no crivo de cada boca, ampliado aqui, com partes omitidas ou deturpadas mais adiante, mas sempre imparável, vai alimentando os sentimentos, as ideias, as preocupações do interessados, ora excitando os ânimos de alguns, ora prevenindo outros, preocupando este ou inquietando aquele, enfim, ao sabor das necessidades locais.

22 – Perante este quadro, Elias e Scotson não podiam deixar de concluir que “uma estrutura unida como a aldeia tem necessidade de um fluxo abundante de mexerico para mover as rodas (que eu

acrescento, da sociabilidade local).⁽¹⁹⁾ Quer dizer, o funcionamento da vida colectiva e o sentido de responsabilidade de uns para com os outros traduz-se, muito antes dos actos, através da fala. Ao longo do ano, no seu dia-a-dia, mediante a prática de actos simbólicos, de compromissos e reafirmações de solidariedade, os indivíduos e as famílias sentem-se moralmente interdependentes e responsáveis pelo funcionamento da sua sociedade. A aldeia é mais do que um agregado de pessoas físicas ligadas a casas e campos, a trabalhos partilhados, a momentos festivos, com os seus monumentos locais como a Igreja, a escola, o forno do povo, os moinhos, etc. É também a representação do seu imaginário em perpétua acção sobre os acontecimentos do seu quotidiano e os padrões morais herdados ou decretados.

B) Crítica e Moralidade

23 – As matérias de conversa passam por um crivo de juízos morais que a sensibilidade de cada um apreende e reelabora segundo as suas conveniências... A simpatia, o ciúme, a rivalidade, a inveja, o amor, o ódio, a solidariedade, o ressentimento, o desejo de vingança, etc. são as variáveis da sensibilidade humana que sempre marcam os assuntos canalizados no mexerico. Isto significa que, no mexerico, a vida das pessoas e os interesses materiais envolvidos raramente escapam ao tempero amargo duma crítica. Os valores da moral cristã e outros desenvolvidos com o costume sustentam os sentimentos e juízos dos interlocutores. Nuns casos para corrigir o que é desviante, noutros para exaltar o que é considerado exemplar.

24 – É nestes momentos que surgem as modificações semânticas nas linguagens do mexerico. Ocasões em que o sentimento pessoal introduz a sua dose de malícia e acrimónia, envenena e deturpa a informação para desinformar e atingir um alvo. Os sentimentos pessoais dos interlocutores alinhados na cadeia do mexerico permitem assinalar o nascimento da *intriga* e da *calúnia*.⁽²⁰⁾ Estas funções do intercâmbio humano representam formas de desorganização da informação, que acabam por transformá-la imprimindo-lhe sentidos novos e outros efeitos de ordem moral. Tanto a intriga como a calúnia tendem a comprometer uma relação pessoal, de um lado, lançando a discórdia, e, do outro, conspurcando a dignidade de alguém. São processos de desinformação intencionalmente perturbadores da harmonia pública, insuficientes, contudo, para provocar a ruptura no funcionamento da vida colectiva. Não obstante a ameaça, essas



situações contribuem, geralmente, para reforçar os valores morais que sustentam a coerência da vida colectiva.

25 – Compreende-se, agora, porque se mostrava conveniente isolar o conceito de mexerico do resto de situações positivas e negativas que, no seu percurso, ele gera. A *intriga* pode ser resumida como aquela acção que tem por objectivo provocar uma interrupção na convivência entre duas ou mais pessoas. Não é necessariamente uma mentira, mas é, com certeza, uma acção intencionalmente dirigida para destruir uma relação de confiança entre indivíduos e famílias. Quando uma pessoa conta a alguém a conversa que teve ou ouviu de uma terceira pessoa em seu desabono, não faz mais do que semear a intriga.⁽²¹⁾ A discórdia provocada pela intriga resulta sempre duma informação de falsa fé fornecida por uma terceira pessoa a uma das partes sob o pretexto de amizade.

26 – Comentar a vida e as acções do vizinho é muito comum nas aldeias. Mesmo falar mal do vizinho não é propriamente querer mal ou pretender deixar ficar mal visto o vizinho. Frequentemente, constitui uma operação destinada a retocar a imagem da pessoa visada, quer acrescentando-a, quer diminuindo-a. São comentários com a pretensão de ser judiciosos, mas, às vezes, mordem como uma censura contra outra pessoa. Ou então revelam discordância com a intenção de salvaguardar valores morais pessoais ou do grupo. Se quem escutou vai contar ao vizinho, ocasionalmente, visado o que ouviu do outro (a título de ser seu amigo) a intriga pode ficar urdida. A utilização de informações (palavras, críticas, ameaças, gestos, intenções supostas, etc.) que o mexerico transporta, pertence à consciência de cada um avaliar as suas consequências.

27 – A *calúnia*, possui outro perfil moral; é mais acutilante pois o seu objectivo é sempre desmoralizar a pessoa. O seu alvo é a honra e o bom nome de alguém e o agressor moral, muitas vezes, não tem rosto, ou usa de vários rostos. Onde estão interesses em jogo e a procura de uma posição de preponderância na vida local, a calúnia visa a honra e a dignidade da pessoa, desacreditando-a perante a opinião pública local. O povo muitas vezes compara os efeitos devastadores da calúnia com uma punhalada, porque a tem como arma traiçoeira nos seus métodos de denúncia e ataque.⁽²²⁾

28 – Para levar mais longe a compreensão destes dois tipos de desinformação no âmbito da vida colectiva era preciso introduzir aqui



um dos factores mais importantes na vida das pequenas comunidades – a *inveja*. Como se sabe este sentimento e as práticas de que se serve geraram sempre situações de grande tensão e desarmonia nas famílias envolvidas. A inveja constituiu, por outro lado, um dos ingredientes psicológicos mais temíveis da bruxaria religiosa, que apenas aludo, neste local, pela sua importância como factor motivador do mexerico.

29 – Em 1977, quando percorri algumas freguesias do Norte do país, já se tornava sensível que a luta partidária, a instalar-se gradualmente no seio das populações de tradição serrana, começava a lançar mão dessas duas armas de arremesso como é patente nas rivalidades políticas nos principais centros urbanos. Justificava-se, então, o recurso a esses meios e outros como um dever patriótico do povo vigiar as acções da classe capitalista que, no regime anterior, prosperara lesando os interesses do povo trabalhador. No presente, entendida a democracia e a importância das facções partidárias, embora afectando a relação pessoal com base na confiança e nas solidariedades tradicionais, o povo descobre novos sentidos e processos para cultivar o sentimento de comunidade, agora mais receptivo ao progresso da que, outrora, encerrado no espírito da paróquia tribal. ⁽²³⁾

C) Normas e Crenças

30 – A intriga e a calúnia são também modos de transmitir informações, ora denunciando, ora condenando o cinismo das falsas amizades. São situações que ocasionalmente explodem nos meios pequenos onde as relações são estruturalmente próximas e todos conhecem mais ou menos, a vida uns dos outros. Uma e outra resultam, algumas vezes, de um erro ou distorção da informação. Em qualquer dos casos, aquelas expressões inscrevem-se numa categoria mais abrangente que designo por “maldizer” (vulgarmente, conhecido por “má-língua”).

31 – O maldizer, como a expressão indica, é exactamente “falar mal” de outra pessoa, não necessariamente para a prejudicar, mas antes para rever os valores e normas postos em causa nas palavras e acções de qualquer pessoa. Recrimina-se o procedimento de alguém mais para ressaltar a moralidade ameaçada do que para excluir quem é alvo dessas críticas. Uma das funções mais permanentes do mexerico é o exercício de vigilância sobre a conduta dos vizinhos e os

desvios de ordem moral que o etos do grupo repele. São, portanto, os valores morais transgredidos ou ameaçados que estão em causa nas conversas de maldizer, independentemente, de, a partir daí se gerar a confusão da intriga ou da calúnia. Entretanto, representa a forma espontânea como o povo manifesta a sua rejeição das atitudes e condutas desviantes e procura evitar que os indivíduos se afastem demasiado da conduta moralmente tida como correcta.

32 – Aquele que não gosta de boa fama até pode ser o mais impertinente “má-língua” do povo. Ele aproveita essas ocasiões para se arvorar arauto da moralidade, denunciando pessoas que aparentam ser boas e dignas. Quando se vasculha o passado de alguém é difícil não encontrar-se um caso menos digno, ou algum parente que tivesse praticado alguma acção moralmente censurável. As questões sexuais ocupam uma parte das suas conversas, assim como as relacionadas com dívidas e apropriação de direitos de outrem. Também a gente, socialmente humilhada e desiludida com os preconceitos sociais pode mostrar-se inclinada a reagir dessa forma contra aqueles que se fazem passar por pessoas de vida impecável e importantes. A pretensão de se fazer passar por uma classe superior à dos seus vizinhos desperta uma cadeia de murmurações em que o ressentimento acaba por salpicar a fama dessa pessoa, podendo marginalizá-la da confiança e amizade do povo.

D) Controlo do grupo

33 – No grande jogo de solidariedades e oposições em que o mexerico se movimenta, deve-se reconhecer a importância do seu papel. Primeiro, no controlo da vida do grupo, colocando cada um dos seus membros como responsável na defesa da imagem e bom nome da sua aldeia ou freguesia. Em segundo lugar, sendo impossível a unanimidade de opiniões sobre o que acontece na vida do dia-a-dia e diz respeito ao conjunto das famílias vizinhas, geram-se grupos com afinidades distintas que os interesses comuns podem aproximar ou afastar. Os laços de sangue ou de amizade podem (ou não) opor pessoas contra os seus vizinhos, com os mesmos ou outros interesses. São delineamentos primários de grupos de opinião e interesses comuns, embriões de facções políticas, profissionais ou de classe, desprovidas dum conteúdo ideológico, ao contrário do que se nota nas grandes cidades. (24)

34 – O mexerico e o maldizer, na sua acepção geral, actuam como forças de contenção ou de coacção moral que influenciam as atitudes e modos sociais de estar nos aglomerados populacionais pequenos, onde todos, mais ou menos, se acham relacionados. A rede através da qual se movem aqueles dois factores da vida social é concentrada e não custa entendê-los como dinamizadores da ordem moral em que a colectividade se considera estruturada. O crescimento e maturação dos indivíduos destinados a perpetuar o modo de vida e o correspondente processo de renovação do grupo não atingirão os seus objectivos fora do sistema em que o mexerico e o maldizer representam uma função importante para a coesão e funcionamento global da comunidade.

35 – Ao encerrar este esboço de ensaio quero lembrar a importância do mexerico na formação da história das pequenas comunidades. O repositório de eventos da vida local e das famílias componentes vai-se acumulando na memória do povo ao longo dos anos. Aparecem pessoas dotadas de um portentoso repertório de factos, verdadeiros arquivos humanos que não existiriam fora dum ambiente em que o mexerico preponderou na comunicação dos habitantes da aldeia. É na comunhão com o meio vicinal e na curiosidade permanente pelas coisas que acontecem na comunidade que se gera uma espécie de compromisso colectivo relativamente à preservação duma memória sobre a vida da sua localidade. Os assuntos públicos como os assuntos privados, no ambiente da aldeia, nunca tiveram fronteiras demarcadas. Por principio, a vida de todos importa a cada um, porque cada qual não pode divorciar-se desse laço natural com tudo o que diz respeito à vida da sua aldeia, da sua paróquia e dos seus vizinhos, de onde emergem, afinal, as raízes da sua identidade...

BIBLIOGRAFIA E NOTAS

(1) Polanah, Luís – “Função da Vizinhança entre os Camponeses de Tourém”. Revista de Antropologia Portuguesa, vol. 7. Coimbra 1989, p. 46.

(2) Polanah, Luís – “As Relações de Vizinhança em Almeida de Sayago”. Em estudos de Homenagem a E. Veiga de Oliveira, Centro de Estudos de Etnologia, Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa 1989, p. 611.

(3) Soares de Carvalho, Jorge Alberto Brandão – “Tensões numa Comunidade Rural do Baixo Minho: – Adaúfe e o seu Juízo de Paz

(1835-1880)". Tese de Mestrado em Historia das Populações, Universidade do Minho. Braga 1933. Não publicada.

(4) Soares de Carvalho, p. 128.

(5) Ibidem, p. 135.

(6) Ibidem, p. 151.

(7) Ibidem, p. 152.

(8) Ibidem. pp. 154 e segs.

(9) Ibidem, p. 177.

(10) Ibidem, p. 182.

(11) Geraldês, Alice D. – "Gente de Minifundio – Produção e Reprodução Social em Mudança na Freguesia da Correlhã". Tese de doutoramento, 2 vols. Universidade do Minho, Braga 1987.

(12) Silva, Manuel Carlos – "Resistir y Adaptar-se. Constrañimientos y Estrategias Campesinas en el Noroeste de Portugal" (Tese de doutoramento) Universidad de Amesterdan, 1994.

(13) Ibidem, p. 174.

(14) Ibidem, p. 172.

(15) Ibidem, p. 176.

(16) Referir definição dos dicionários e em algumas línguas.

(17) Elias, Norbert e Scotson, J.L. – "Observations on Gossip", chap. 7 de "The Established and the Outsiders". Londres, Frank Cass and Co., 1965. Traduzido para o francês com o título de "Remarques sur le Commerage".

(18) Elias e Scotson, p. 24 da trad. francesa.

(19) Ibidem, p. 24.

(20) Tive a minha primeira percepção destes dois factores como forças de dinamização da opinião pública e mobilização da vontade colectiva quando estudava Almeida de Sayago (1979) e, em especial, por ocasião da campanha eleitoral para as autarquias nesse ano. A calúnia, intriga, insinuações, suspeitas e boatos foram abundantemente utilizados para mobilizar a opinião pública contra o alcaide que era do partido da direita, então no governo.

(21) As antigas lealdades entre vizinhos encontram-se hoje divididas por opções de natureza político-partidária. Muitos dos actos e atitudes, outrora parte importante dos deveres de solidariedade, encontram-se hoje afectados pelo individualismo que encontrou maneira de realizar os seus objectivos pessoais através de outras formas de solidariedades.

(22) Não é novidade que o "mexerico", a "intriga", a "calúnia", etc, são modos de exprimir a crítica da vida pública e nacional abundantemente utilizada pelos meios de comunicação social nos grandes centros urbanos. Depois que a democracia libertou o uso da palavra e garantiu a integridade do cidadão, a denúncia dos escândalos, dos crimes e da imoralidade tornaram-se o alvo predilecto da imprensa em geral. A consciência pública através da imprensa, da rádio e da televisão e ainda das conversas de café está permanentemente a par do que se passa no país, na sua região e no mundo,

em geral. Desta forma, pode-se dizer que a nível nacional e pelo que diz respeito às personalidades públicas a imprensa escrita, falada e visual do país, tendenciosa ou não, exerce um papel de olho vigilante em nome dos interesses em confronto, mas também em defesa dos bons costumes e das regras morais consagradas.

Uma nota de agradecimento

– à dra. Margarida Durães pelas obras que me indicou, e me serviram de pista e base para este pequeno ensaio.

– outro para o prof. dr. Albertino Ribeiro Gonçalves que me proporcionou o artigo de Elias e Scotson, sobre o “mexerico” em cujas observações encontrei muito do que já havia observado nas aldeias do Norte de Portugal e em Sayago. As minhas hesitações sobre a forma de abordar o tema foram ultrapassadas depois que li este trabalho, capítulo de uma obra mais ampla cujo título poderia ser traduzido como “Os Instalados e os Estranhos” ou “Nós e os Outros”. Os momentos que passámos discutindo o assunto ajudaram a tornar mais lúcida a problemática do “mexerico” no enquadramento aldeão como eu desejava.

– e ainda para a prof. dra. Maria Engrácia Leandro que me facultou uma obra sobre Escola de Chicago onde o conceito de “Rede” é abordado. Embora eu não lhe desse, aqui, o relevo a que, por vezes, fui tentado, deixei-o, no entanto, bem evidenciado. Servir-me-á, porém, para desenvolvê-lo no contexto de outro trabalho sobre o mesmo tema. As suas observações críticas foram-me de grande utilidade para uma melhor percepção do tema.

Os autores portugueses, aqui referidos, pertencem aos quadros da Universidade do Minho.